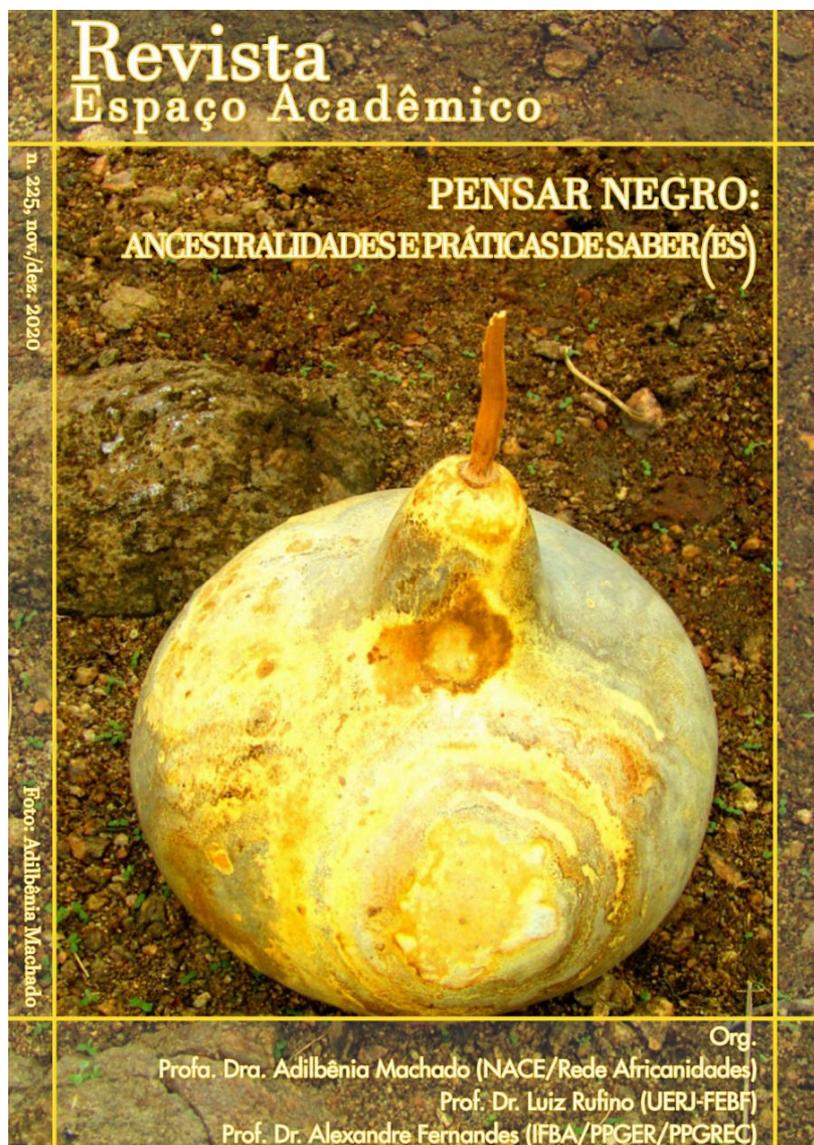


APRESENTAÇÃO

Dossiê - Pensar negro: ancestralidades e práticas de saber(es)

*Sagrado é a escuta de nós mesm[a]s,
[da ancestralidade] que nos habita.*
Sobonfu Somé



A chamada para o dossiê “Pensar Negro: poéticas ancestrais” nos trouxe uma grande alegria e nos colocou em uma encruzilhada, posto que recebemos mais de oitenta (80) textos e só poderíamos publicar dez (10) textos, como fazer? Após diálogos com o Editor Antonio Ozaí da Silva, ouvindo seu espanto (positivo) com a quantidade de textos recebidos, conseguimos espaço, na **Revista Espaço Acadêmico**, para multiplicarmos o referido Dossiê, originando a tríade **Pensar negro**: “Ancestralidades e práticas de saber(es)”, “Poéticas ancestrais e estéticas contracoloniais” e “Espiritualidades, políticas e tecnologias ancestrais”.

Pensar negro: ancestralidades e práticas de saber(es), apresenta encontros / encantos oriundos de estudos, pesquisas, experiências, saberes e práticas assentados no pensamento africano tecido desde / com a sua diáspora em terras canarinhas. Pensamentos diversos encruzilhados e encruzilhando textos vivos, pois são escritos por corpos que produzem conhecimentos, pois desejam, entram em transe, transam, dançam, cantam, choram, vivenciam, experienciam, batucam, gingham, assim, são textos gestados desde estéticas de sentidos onde o corpo é fonte, matriz e motricidade de experiências / saberes / encantos! São textos tecidos por corpos vivos e produtores de conhecimento! Assim, convidamos cada pessoa leitora para aprender / experienciar / experimentar esses bordados escritos afro-atlânticos. A seguir apresentamos, brevemente, cada um dos textos que tece esse primeiro dossiê da tríade **Pensar negro**.

Abrimos o dossiê / xirê com as poéticas ancestrais e en-cantadas tecidas por Tiganá Santana. Em **Abrir-se à hora: reflexões sobre as poéticas de um tempo-sol (ntangu)** o autor borda tessituras reflexivas sobre a temporalidade na

filosofia africana *bantu-kongo*. A poética do sol (*ntangu*) delinea a escrita que se faz em diálogo com manifestações diaspóricas e suas intervenções no espaço-tempo produzindo poéticas de resistências negras.

Luís Carlos Ferreira dos Santos e Eduardo Oliveira tecem de modo encantado o artigo **Poética da ancestralidade: filosofia africana e educação antirracista**. O texto implica-se em elaborar perspectivas de uma educação antirracista articuladas com as filosofias africanas e a poética da ancestralidade, tendo o corpo como poética, ou seja, possibilidade de engajamento e produção de “arquipélagos de libertação”.

Em **Pedagogias da Congada: no “cruzo” de saberes e ancestralidades em disputas**, Aline Guerra da Costa nos brinda e convida para uma construção de pedagogias culturais desde / com experiências da festa da Congada de Lambari / MG, um lugar que produz saberes e (re)inventa identidades negras e culturais na diáspora africana, onde a ancestralidade apresenta-se como fio vital para essa construção.

Reinadinho dos kamburekos: infância, magia e reparação da ferida colonial, é um texto encantado tecido junto à irmandade de Reinado “Os Leonídios” e às crianças negras do reinadinho. Bárbara Altivo nos apresenta práticas criativas, mágicas dessas crianças como poéticas de enfrentamento às perversidades do racismo e do preconceito religioso. Somos brindadas com perspectivas de cura e ancestralidade desde/com o Reinado e as crianças.

Maria do Carmo Rebouças da Cruz Ferreira dos Santos, apresenta um potente diálogo feminino para o descentramento epistêmico, e potencialização de nossa existência, no texto **Lélia Gonzalez: a amefricanidade como contributo para a**

construção de uma nova epistemologia.

A categoria político-cultural *Amefricanidade* é analisada e senhas para tecer novos conceitos, categorias, metodologias e teorias de modo *amefricanocentrados* são apresentadas como poética de libertação.

Em Pode uma subalterna gingar? A epistemologia das mulheres pretas na capoeira, Letícia Menezes golpeia a produção acadêmica questionando onde estão as mulheres pretas praticantes da capoeira angola. A autora investiga motivos que levam ao ocultamento do corpo negro feminino nos registros textuais que dissertam / apresentam / jogam com a capoeira angola. Num contragolpe somos apresentadas à linguagem corporal de capoeiristas angoleiras pretas que re-escrevem epistemologias que transgridem a lógica do silenciamento.

Beatriz Ricarte Santos e Adilbênia Freire Machado em **Trajetórias política e religiosa de mulheres de terreiros: saberes ancestrais femininos e a filosofia das religiões de matriz africana** dialogam com a filosofia africana contemporânea tecida por vozes de mulheres negras expressas na religiosidade de matriz africana, articulando suas identidades, narrativas e potências de encantamento como práticas de resistências e re-existências.

Marcos Andrade traz uma bonita conversa no texto **Para além do Atlântico: ideias e inspirações do poeta Aimé Césaire.** O autor apresenta a trajetória do poeta como um grande crítico anticolonialista, antirracista e inspirador para movimentos diversos de emancipação e libertação africana.

Lucimar Felisberto dos Santos e Flávio S. Gomes apresentam o ensaio **Meta-**

história, arquivos e memórias negras, séculos XVIII-XXI, propondo-nos pensar *subjetividades negras* na construção de narrativas históricas, apresentando a importância de incorporar *memórias negras geracionais, autobiografias,* nas narrativas do passado da “escravidão” e da pós-emancipação como fontes variáveis epistemológicas.

Em **Histórias afro-atlânticas, afro-poéticas e corporeidades afro-atlânticas,** Mateus Souza parte da exposição “*Histórias afro-atlânticas*” com o desejo de apontar caminhos construtivos de categorias epistemológicas para pensar a corporeidade afro-atlântica em articulação com sua multiplicidade afro-poética que tem a ancestralidade como ponto de partida e destino.

Fechamos (abrindo o próximo dossiê) com as inspirações de Henrique Antunes Cunha Júnior em **Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver.** O autor propõe as filosofias africanas como uma hermenêutica do “Bem viver”, posto sua relação de solidariedade social e equilíbrio entre os seres da natureza e os seres humanos. Assim, parte do princípio filosófico Maat para mostrar o desenvolvimento das filosofias africanas rompendo com os problemas da ocidentalização e do domínio tecnológico.

Boa festa / leitura!!!

“Antes de morder, veja com atenção, se é pedra ou se é pão.”

Mãe Stella de Oxóssi

Adilbênia Freire Machado (UFC)
Alexandre Fernandes (IFBA)
Luiz Rufino (UERJ)